

A transição para o Neolítico na costa sudoeste portuguesa

■ JOAQUINA SOARES¹ ■ CARLOS TAVARES DA SILVA¹ ■

RESUMO Em 1997, modelizámos, de forma esquemática (Soares, 1997), os principais mecanismos que estiveram na origem das primeiras formas de economia de produção de alimentos na costa sudoeste. No nosso esquema, os actores da mudança são as populações mesolíticas regionais. Teria sido a dinâmica gerada pelo seu desenvolvimento económico e social que exigiu, numa lógica de crescentes sedentarização, sociabilização e desequilíbrio demográfico-ecológico, um novo avanço na via da intensificação económica, ou seja, a adopção das espécies domésticas disponíveis no ocidente mediterrâneo. As inovações neolíticas teriam sido assimiladas de forma selectiva, e reelaboradas de acordo com as necessidades de cada grupo e a respectiva identidade cultural. Assim se podem explicar, por exemplo, as diferenças observáveis entre a cerâmica de Vale Pincel I (Tavares da Silva e Soares, 1981) e a dos sítios de Samouqueira II (Soares, 1985) ou da Cabranosa (Zbyszewski et al., 1981). Circularam bens materiais, obviamente, mas, sobretudo, informação através de um processo de osmose cultural, veiculado por relações de vizinhança e/ou pela prática da exogamia.

ABSTRACT In 1997, we modeled, in a schematic form (Soares, 1997), the principal mechanisms associated with the origins of food production in the southwest coast. In our scheme, the actors of changes were the regional Mesolithic populations. It would have been the dynamics generated by their economic and social development that required, in a logic of increasing sedentism, sociability, and demographic-ecological instability, a new advance in the process of economic intensification – that is, the adoption of domestic species available in the western Mediterranean. The Neolithic innovations would have been accumulated in a selective way, and re-elaborated according to the needs of each group and respective cultural identity. In this way, the observable differences between the ceramics of Vale Pincel I (Tavares da Silva and Soares, 1981) and those of Samouqueira II (Soares, 1985) or of Cabranosa (Zbyszewski et al., 1981) can be explained. Material goods circulated, but, above all, information through a process of cultural osmosis, carried out through relationships of proximity and/or by the practice of exogamy.

Epipaleolítico e Mesolítico na costa sudoeste. Litoralização do povoamento

O conhecimento actual sobre o Paleolítico superior na costa sudoeste é praticamente nulo. A partir do Pré-boreal (10 000 a 8500 anos BP), e especialmente quando do Boreal (8500 a 7500 BP), as condições climáticas sofrem acentuada melhoria, com progressivo aquecimento; um acentuado aumento da temperatura é sugerido pela abundância do zambujeiro, espécie xerotérmica, no estreito vale do Castelejo (Vila do Bispo)²; o processo de reflorestação intensifica-se: desenvolvem-se florestas mistas de carvalho e pinheiro (Mateus e Queirós, 1997). A influência oceânica avança sobre o continente; os territórios de captação de recursos vão sendo obliterados a ocidente e como tal sofrem reorientações. A presença humana na região torna-se mais sensível no registo arqueológico. Pequenos grupos de caçadores-recolectores instalam-se em acampamentos sazonais, acompanhando o ciclo biológico dos recursos alimentares. Vários estabelecimentos de ar livre epipaleolíticos foram por

nós identificados e encontram-se em estudo, como Nascedios, Espigão, Aivados e Oliveirinha (nível inferior) outros, fazem já parte da bibliografia arqueológica, como Cabo de Sines (Roche, 1960), Pedra do Patacho (Tavares da Silva e Soares, 1993), Palheirões do Alegra (Vierra, 1992; Raposo, 1997), Montes de Baixo (níveis inferiores) e Castelejo (níveis inferiores) (Tavares da Silva e Soares, 1997). Embora a maior parte destes sítios se localize actualmente sobre a linha de costa, quando do seu estabelecimento, mediava entre eles e o oceano uma planície costeira com cerca de 10 km de largura. Em comum, apresentam nítida preferência por substratos arenosos, nas proximidade de nascentes de água doce e/ou de linhas de água. Ainda que com escassa informação faunística, podemos imaginar que se estaria no fim de um ciclo de dominância da caça, em transição para formas de subsistência mais diversificadas. Os territórios poderiam, assim, integrar biótopos bem distintos e complementares em termos de exploração, organizados transversalmente ao litoral.

À excepção da Pedra do Patacho, todos os outros acampamentos referidos, possuem um subsistema tecnológico expedito, a par de uma tecnologia lítica de carácter uso-intensivo, que recorreu ao sílex e a rochas siliciosas afins, estando presentes, entre outros tipos, lamelas de dorso e raspadores unguiformes. O subsistema tecnológico uso-intensivo prolonga claramente as tradições tecnológicas do Paleolítico superior, sendo difícil, na ausência de informação complementar, datar tais conjuntos líticos. Essas dificuldades foram sentidas pelo experiente tipologista Abbé J. Roche (1960) e, mais recentemente, criaram dúvidas a Luís Raposo.

O acampamento epipaleolítico da Pedra do Patacho, datado de cerca de 10 000 anos cal BC (Dryas III) e localizado na margem direita da desembocadura do Mira, explorou o paleo-

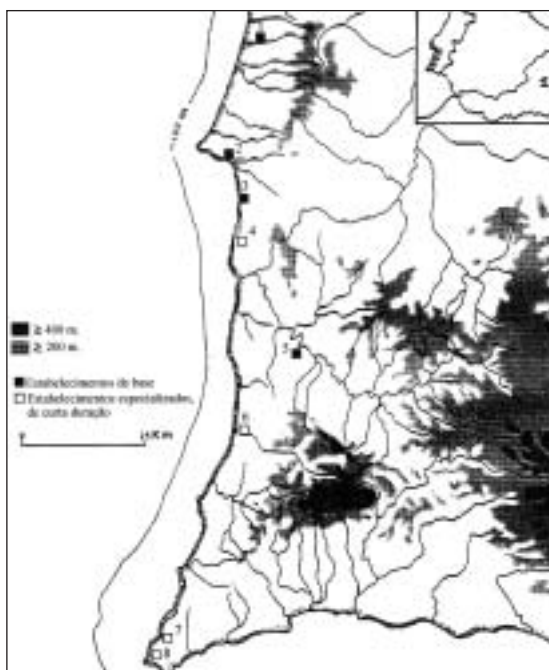


FIG. 1 – Jazidas do Mesolítico final da costa sudoeste:
 1 - Santa Marinha (Melides); 2 - Vale Marim (Sines);
 3 - Samouqueira I (Porto Covo); 4 - Vidigal (Porto Covo);
 5 - Fiais (Odemira); 6 - Montes de Baixo (Odemira);
 7 - Castelejo (Vila do Bispo); 8 - Armação Nova (Cabo de São Vicente).

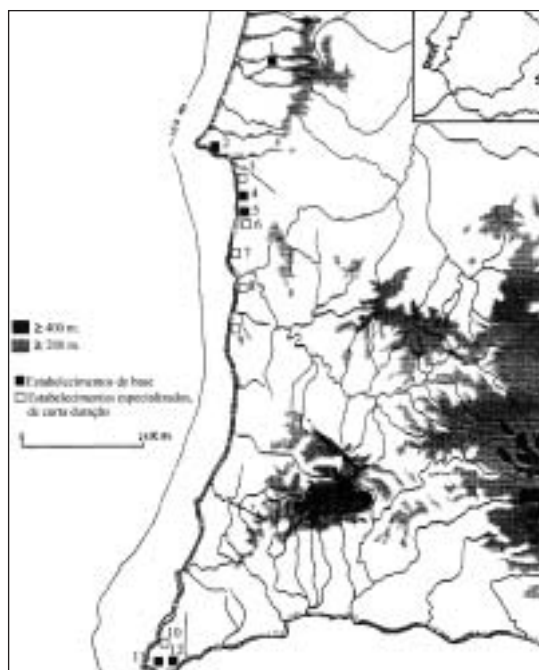


FIG. 2 – Jazidas do Neolítico antigo e antigo evolucionado da Costa Sudoeste: 1 - Salema (Santiago do Cacém); 2 - Vale Pincel I (Sines); 3 - Oliveirinha (Sines); 4 - Samouqueira I e II (Porto Covo); 5 - Vale Vistoso (Porto Covo); 6 - Vidigal (Porto Covo); 7 - Praia das Galés (Malhão); 8 - Água da Moita (Vila Nova de Mil Fontes); 9 - Medo Tojeiro (Almograve); 10 - Castelejo (Vila do Bispo); 11 - Cabranosa (Sagres); 12 - Padrão (Vila do Bispo).

estuário deste rio de forma especializada. Trata-se de um concheiro de economia de curto espectro, onde dominam as espécies *Littorina littorea*, *Patella vulgata*, *Mytilus* spp. e *Scrobicularia plana*; estão ausentes mamíferos, aves e peixes. Os artefactos são raros e limitam-se a lascas não retocadas, utensílios de ocasião, sobre grauvaque de origem local. A especialização deste acampamento na recolção de moluscos pode indiciar o declínio de recursos de maior rendimento como a fauna grossa (veado e javali). É importante referir que apenas algumas horas de recolção poderiam ser suficientes para satisfazer as necessidades proteicas diárias de uma família nuclear, enquanto a captura de um cervo pode exigir 11 horas, para uma densidade de 7 a 3 cervos por km². Se esta densidade baixar, a actividade cinegética deixa de ter interesse económico. A pesca e/ou a recolção de vegetais, pequenos animais e, no caso vertente, de moluscos marinhos constituem alternativas vantajosas. Por outro lado, a diversificação da dieta e a sua dependência de fontes alimentares mais estáveis, algumas existentes ao longo de todo o ano, de baixo risco de captura, induzem a chamada “sedentarização sazonal”, observada por exemplo entre os caçadores-recolectores complexos da Costa NW americana (Kent, 1989). O aumento da sedentarização desencadeia, por seu lado, uma complexificação da organização social, um processo de territorialização e de crescimento demográfico, de onde resulta um instável equilíbrio demográfico-ecológico, o qual em momentos de ruptura reclama mecanismos de compensação como a estratégia de mobilidade logística, o armazenamento e, no final da nossa narrativa, a adopção da agricultura.

O concheiro da Pedra do Patacho assinala, pois, no estado actual dos nossos conhecimentos, uma evidente litoralização do povoamento e a intensificação da exploração dos recursos marino-estuarinos que irá culminar no período Atlântico.

Entre 7500 e 6500 BP, durante a fase antiga do Atlântico, ocorrem apreciáveis alterações económico-sociais, com reflexos no padrão de povoamento humano da costa sudoeste (Soares, 1996). Com efeito, o registo arqueológico disponível dá-nos conta da consolidação de uma matriz de povoamento melhor distribuída pela área em apreço e polarizada por acampamentos de base, que poderiam ser ocupados ao longo de todo o ano. Estes eram complementados por acampamentos sazonais, economicamente especializados, que garantiam a exploração alargada de um determinado território e minimizavam os efeitos negativos do processo de crescente sedentarização. Nos estabelecimentos de base como Santa Marinha (Melides), Vale Marim (Sines), Samouqueira I (Sines), Fiais (Odemira), era praticada uma economia de largo espectro. A indústria lítica, de fácies geométrica, sobre sílex e rochas siliciosas, detinha um lugar de destaque. A relativa estabilidade destes habitats permitia a prática do armazenamento (de que temos provas indirectas na região e provas directas em sítios coevos do Vale do Tejo - Moita do Sebastião), a integração no espaço residencial da função sepulcral e, muito provavelmente, a manutenção de fortes índices de sociabilidade. Estes aspectos foram cruciais para a superação do modo de produção de caça-recolção simples, na via para a economia de produção de alimentos e para a emergência da sociedade camponesa.

No que concerne aos acampamentos mesolíticos de curta duração, foram identificados sítios economicamente especializados no marisqueio, como Montes de Baixo e Castelejo (níveis médios) e estabelecimentos claramente vocacionados para a exploração de sílex, como Armação Nova, no Cabo de São Vicente.

O concheiro do Castelejo oferece uma sequência estratigráfica muito complexa, que chegava a ultrapassar os 2 m de espessura com diversas fases de ocupação e de abandono, na qual se apreendem continuidades entre Mesolítico final e Neolítico antigo a partir das similitudes comportamentais dos mariscadores, de antes e depois dessa fronteira que teimamos em erguer para dar corpo à ideia da revolução neolítica childeana, tão vincadamente impressa na cultura ocidental.

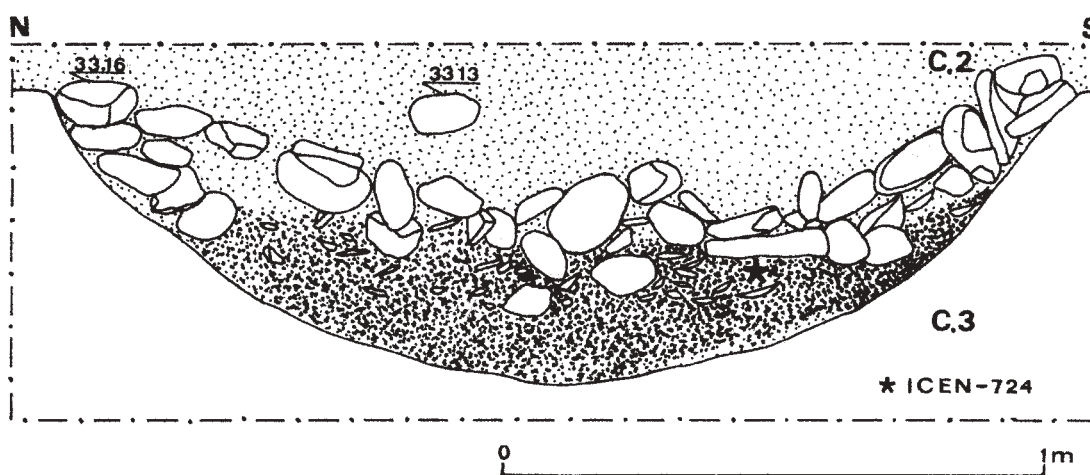
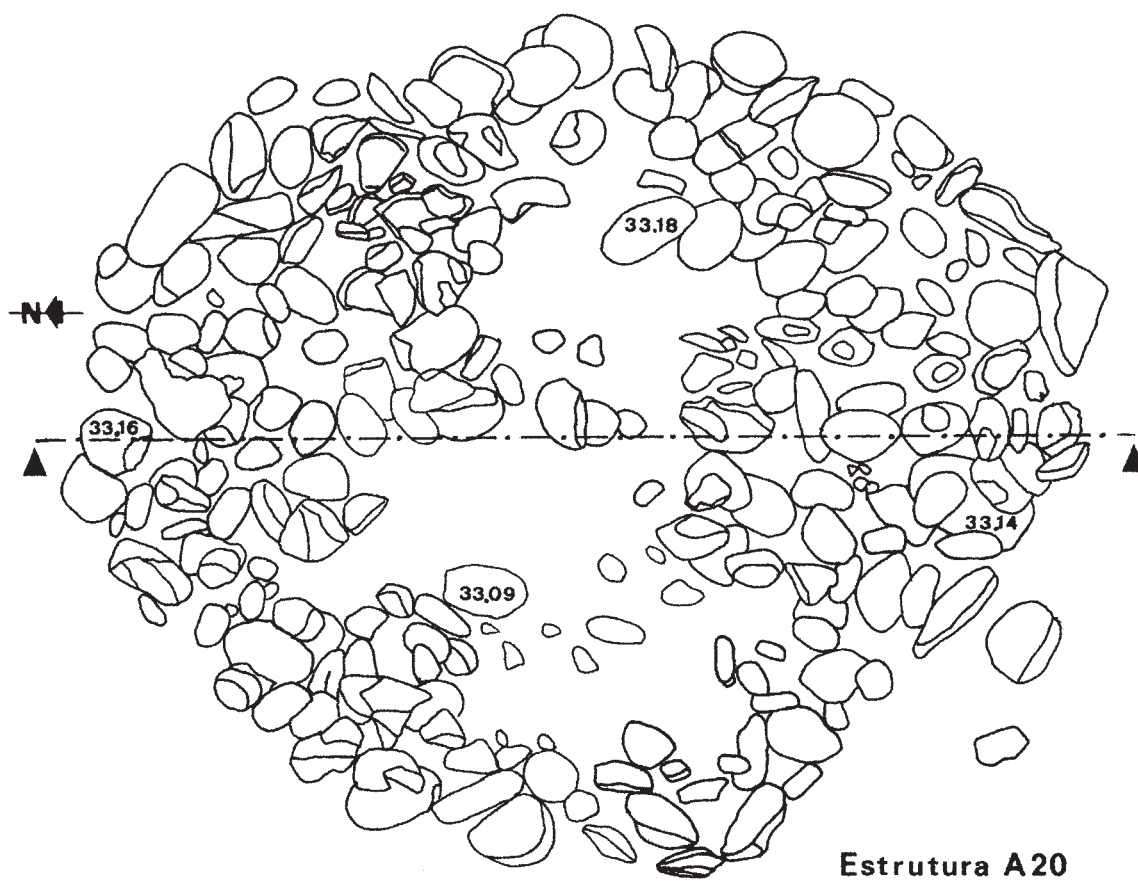


FIG. 3 - Vale Pinel I (Sector XXXIII). Lareira A20 (planta e perfil com indicação do nível carbonoso a que se refere a data ICEN - 724).

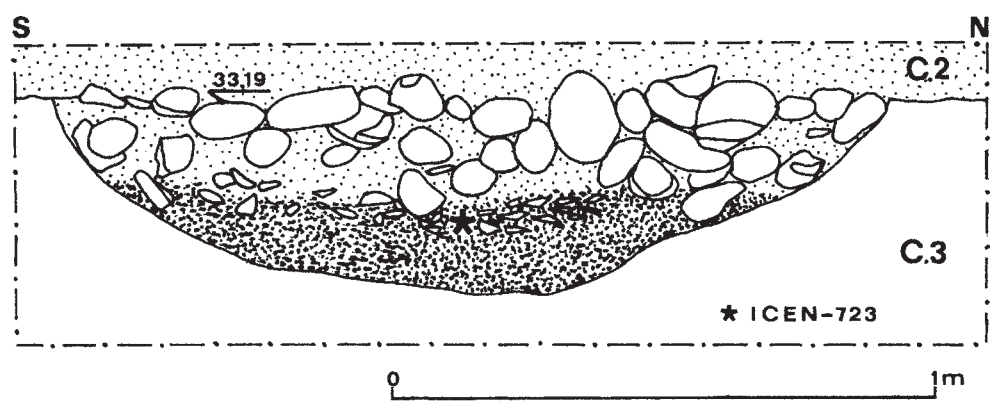
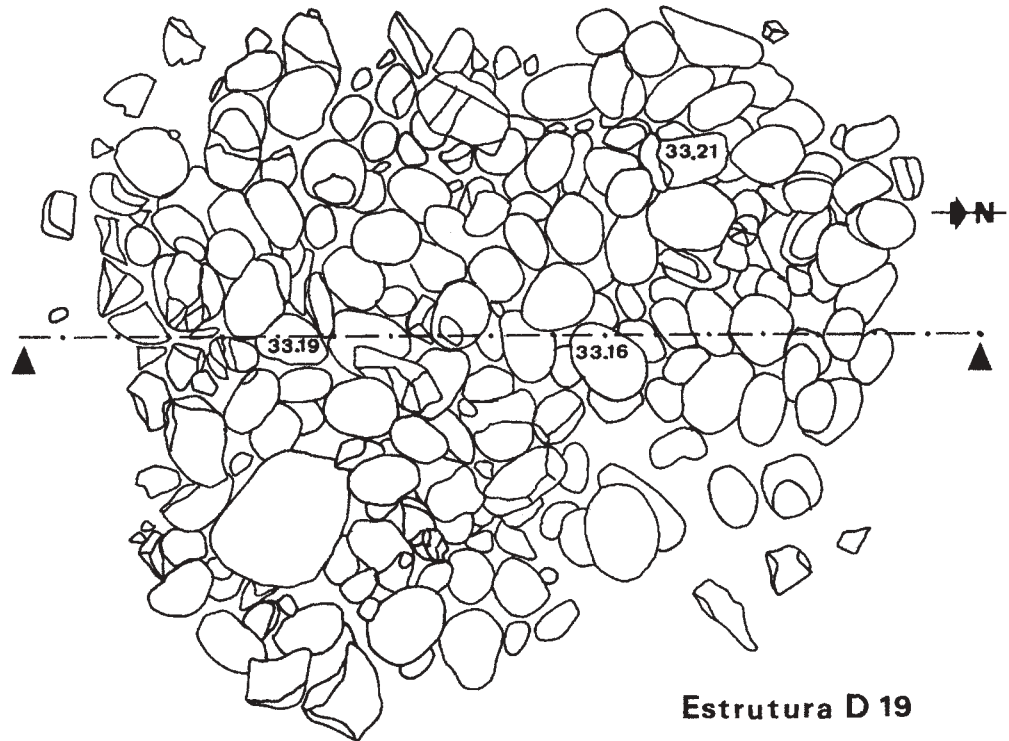


FIG. 4 – Vale Pincel I (Sector XXXIII). Lareira D19 (planta e perfil com indicação do nível carbonoso a que se refere a data ICEN - 723).

A partir das dimensões das conchas de mexilhão, a espécie mais recolectada, é possível defender a ideia de ocupações sazonais, durante o equinócio de Março. Um ramo de *Rhamnus-Phillyrea*, proveniente da camada 9 das escavações de 1985, permitiu determinar que a recolha dessa lenha se verificou na Primavera. A análise antracológica realizada por Ernestina Badal aponta para a permanência, em toda a sequência, de um mesmo comportamento no que se refere à exploração do coberto vegetal lenhoso. A espécie sistematicamente recolectada para utilização como combustível foi o zambujeiro, *Olea europaea* var. *sylvestris*. A exploração da vegetação, equilibrada, não provocou situações de degradação; os períodos de abandono do acampamento parecem ter sido suficientes para assegurar a renovação do coberto vegetal. Extrapolando para a paisagem envolvente, os dados indicam uma formação arbustiva xerotérmica, própria de clima termomediterrâneo e uma grande estabilidade climática.

No que concerne à subsistência, exceptuando os níveis da base da sequência, epipaleolíticos, onde se registaram restos faunísticos de invertebrados marinhos, de peixes e de coelho, todos os restantes níveis, mesolíticos e neolíticos, revelam economia de curto espectro assente na exploração de invertebrados marinhos. O *Mytilus* e a *Patella* dominam as associações faunísticas. A partir do final do Mesolítico, a espécie *Pollicipes cornucopia* é também introduzida na dieta, assim como o *Thais haemastoma*.

A cultura material mostra uma clara dicotomia, cujo separador passa pela base do Mesolítico final. Nos níveis anteriores, o espólio é escassíssimo; dominaria o princípio da menor carga para a maior mobilidade. A partir do Mesolítico final temos evidências de uma indústria mais abundante, sobre sílex do Cabo de S. Vicente, com suportes lamelares de tipo Montbani e geométricos trapezoidais.

Observámos, sumariamente, uma amostra da utensilagem lítica do Neolítico antigo do Castelejo que mostra um claro enraizamento na morfotipometria e tecnologia mesolíticas. Por outro lado, essa utensilagem revela uma escassa actividade de talhe *in situ*, como se o grupo tivesse saído do estabelecimento de base munido de uma boa reserva de produtos de debitação, sobretudo de lamelas. O sílex é idêntico ao de Armação Nova e ao do sítio de Cabranosa.

Registe-se, por fim, a maior descontinuidade no plano artefactual, entre as duas fases em análise: o aparecimento da cerâmica. Dos escassos fragmentos recolhidos, nos níveis superiores, salientamos um grande recipiente de armazenamento, com vestígios de decoração impressa, possivelmente a pente.

QUADRO I

Indústria lítica de Armação Nova. Grupos tecnológicos (amostra de 343 artefactos).

Grupos tecnológicos	C.2		C.4	
	N	%	N	%
Núcleos	10	6,4	11	5,9
Subprodutos de talhe	108	69,2	141	75,4
Produtos de debitação	26	16,7	19	10,2
Utensílios retocados	12	7,7	16	8,6
Total	156	100	187	100

No caso de Armação Nova, a actividade de marisqueio, hiperespecializada num crustáceo círripode, que vive nas arribas da baía homónima, encontrava-se integrada na exploração de sílex contido nas bancadas do Domeriano, aflorantes nas arribas que estes primeiros guerreiros do mar duplamente exploraram. Com efeito, este acampamento parece ter-se dedicado à extracção do sílex e à configuração, mais ou menos elaborada, de núcleos

que seriam destinados a um consumo não local. Assim, a indústria que aí recolhemos, sobre sílex e calcário dolomitizado, acusa uma fraquíssima especialização. Os núcleos, quase sempre com levantamentos de lamelas, são pouco frequentes, surgindo, em alguns casos, fragmentados por acidentes de talhe; os subprodutos, quer de desbaste da ganga agregada ao sílex, quer de preparação e acondicionamento de núcleos (pequenas lascas residuais inferiores a 2 mm; peças de crista, *tablettes*, lascas de descorticação e resíduos informes), dominam esmagadoramente o conjunto artefactual; os utensílios retocados são constituídos por lascas com retoque parcial e irregular, entalhes e denticulados e pontas atípicas. De registar a escassa presença de lamelas, não retocadas, do tipo Montbani, e a ausência de qualquer geométrico e/ou microburil.

Estes acampamentos sazonais, de pequenas dimensões, terão pois, resultado de curtas estadas de uma parte do grupo estacionado no habitat de base. A estratégia de mobilidade logística subjacente a este padrão de povoamento irá prosseguir adentro do Neolítico antigo. Tal estratégia de mobilidade garantia a eficaz exploração de um determinado território, reduzindo a pressão antrópica sobre a envolvente dos estabelecimentos de base e minimizando o conflito intergrupar que a sedentarização induz. Por outro lado, proporcionava maiores índices de sociabilidade e maior complexidade.

No processo de neolitização da costa sudoeste, os recursos marino-estuarinos tiveram um papel não negligenciável. Decorrente da sua abundância e quase permanente disponibilidade, criaram condições de estabilidade social e de povoamento precursoras das sociedades neolíticas. Na expressão feliz de Chenorkian (1989) a exploração de um banco de moluscos assemelha-se mais à gestão de um rebanho doméstico que à de animais selvagens.

Durante o final do Mesolítico, surge, pois, na costa sudoeste um modo de produção de caça-recoleção complexo ou de caça-recoleção-armazenamento, na transição para o modo de produção doméstico.

Neolítico antigo

Como seria de esperar, os primeiros estabelecimentos do Neolítico antigo, de meados do VI milénio cal BC, sobrepõem-se aos do Mesolítico ou localizam-se nas suas imediações. Procuram, enfim, as mesmas condições biofísicas: áreas planas, abertas, próximas de água potável, solos arenosos. A sobreposição dos mapas dos dois períodos não deixa lugar à existência de “ilhas neolíticas”, marginais aos espaços explorados no Mesolítico. O que se verifica é a continuidade da mesma matriz de povoamento, agora mais densa, uma escolha dos mesmos lugares, a persistência das mesmas gentes, das mesmas estratégias de mobilidade logística e de subsistência de largo espectro. As espécies domésticas são, na fase de inovação, somente mais um recurso.

Assim, surgem habitats com cerca de 10 hectares como Vale Pincel I (Tavares da Silva e Soares, 1981), onde se encontraram numerosas estruturas de habitat organizadas em extensos núcleos residenciais, elevada densidade de artefactos, economias de largo espectro. Em associação com estes povoados, existiriam pequenos estabelecimentos sazonais como Oliveirinha, em Sines, Medo Tojeiro no Almogrove (Tavares da Silva et al., 1985) e Castelejo em Vila do Bispo (níveis superiores), onde os artefactos são relativamente raros e os vestígios faunísticos, representados exclusivamente por invertebrados marinhos.

Nos povoados do Neolítico antigo pleno, mesmo nos chamados estabelecimentos de base, os instrumentos em pedra polida são raros, a cerâmica, não muito abundante, é regra geral friável; surge sob a forma de vasos esféricos, ovóides, por vezes com colo, decorada por

impressões realizadas a punção e, mais raramente, pela concha do *Cardium*, e por motivos plásticos. A par destas novidades tecnológicas, deparamos com uma indústria lítica muito conservadora, claramente filiada na do Mesolítico regional, havendo a destacar o desenvolvimento dos crescentes, o aparecimento da flecha transversal associada ao tímido ressurgimento do retoque plano e uma nova função para os suportes lamelares de tipo Montbani, que os transformará em elementos de foíce, dotados do característico lustre de cereal.

A associação, claramente observada em Vale Pincel I, de uma indústria lítica de tradição mesolítica regional a cerâmica impressa, maioritariamente não cardial, põe em causa o velho preconceito difusionista, que procura explicar a génese do processo de neolitização do Sul e Centro de Portugal através da chegada de “grupos cardiais”. As datas obtidas para Vale Pincel I reforçam a ideia de um neolítico precoce, construído pelas populações mesolíticas regionais, a partir de inovações assimiladas selectivamente por osmose cultural e recriadas de acordo com a identidade socio-cultural de cada grupo.

QUADRO II

Datações ¹⁴C para o Mesolítico e o Neolítico antigo da costa sudoeste portuguesa.

Sítios	Lab.	MT	Datas BP	Datas corrigidas BP - Iap*	datas cal BC** 2s
Mesolítico					
Montes de Baixo (C. 4B)	ICEN-720	C	7910±60	7530±70	6462-6183
Montes de Baixo (C. 2)	ICEN-718	C	7590±60	7210±70	6176-5888
Samouqueira I (C. 3)	ICEN-729	C	7520±60	7140±70	6117-5833
Fiais 3	TO-806	CV	7010±70		5977-5696
Fiais 3	ICEN-110	OS	6870±220		6156-5336
Fiais 1	TO-705	CV	6840±70		5807-5582
Castelejo (Nvs. Médios)	ICEN - 743	C	7530±60	7170±70	6130-5878
Castelejo (Nvs. Médios)	ICEN - 745	C	7910±60	7550±70	6551-6185
Castelejo (Nvs. Inferiores)	ICEN - 215	CV	7880±40		7017-6607
Castelejo (Nvs. Inferiores)	ICEN - 213	CV	7900±40		7026-6623
Castelejo (Nvs. Inferiores)	ICEN - 211	CV	7970±60		7060-6680
Armação Nova (C. 2e)	ICEN - 1229	C	7500±60	7120±70	6111-5804
Armação Nova (C. 2e)	ICEN - 1230	C	7530±60	7150±70	6121-5845
Armação Nova (C. 4b)	ICEN - 1227	C	7350±80	6970±90	5977-5626
Armação Nova (C. 4b)	ICEN - 1228	C	8120±60	7740±70	6646-6417
Neolítico Antigo					
Vale Pincel I (Estr. A20)	ICEN-724	CV	6700±60		5669-5448
Vale Pincel I (Estr. D19)	ICEN-723	CV	6540±60		5574-5331
Samouqueira I, C.2 (inumação)	TO-130	OS	6370±70		5480-5220
Vidigal (C.3)	LY-4695	OS	6640±90		5668-5348
Medo Tojeiro	BM- 2275R	C	6820±140	6440±140	5590-5067
Padrão 1	ICEN-873	C	6920±60	6540±65	5576-5325
Padrão 1	ICEN-645	C	6800±50	6420±60	5442-5255
Cabranosa	SAC-1321	C		6550±70	5579-5325

* Iap = 380±30 (Soares, 1993): efeito reservatório oceânico das águas costeiras portuguesas.

** Datas calibradas seg. a curva de Pearson e Stuiver (1993) pelo Eng.º António Monge Soares, a quem agradecemos vivamente. Abreviaturas: C - conchas; CV - carvão de madeira; OS - ossos.

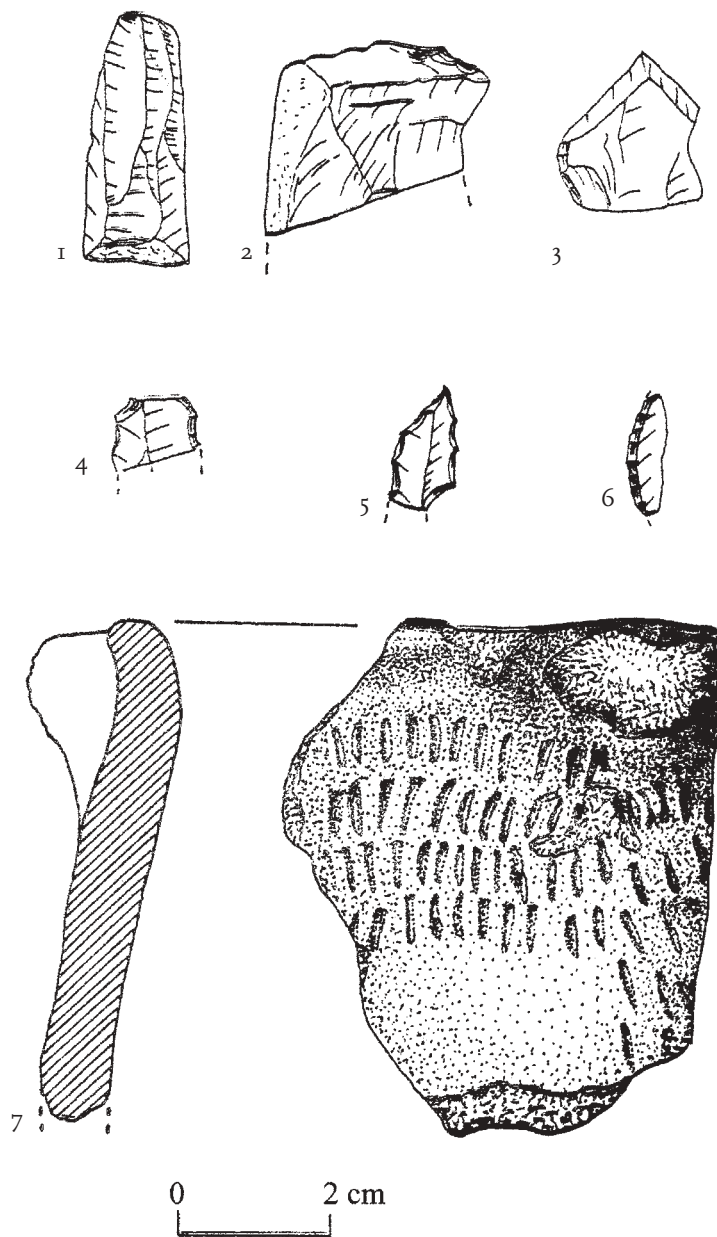


FIG. 5 – Artefactos líticos (n.ºs 1-6) e cerâmica do nível inferior da lareira A20 de Vale Pincel I (Sector XXXIII).

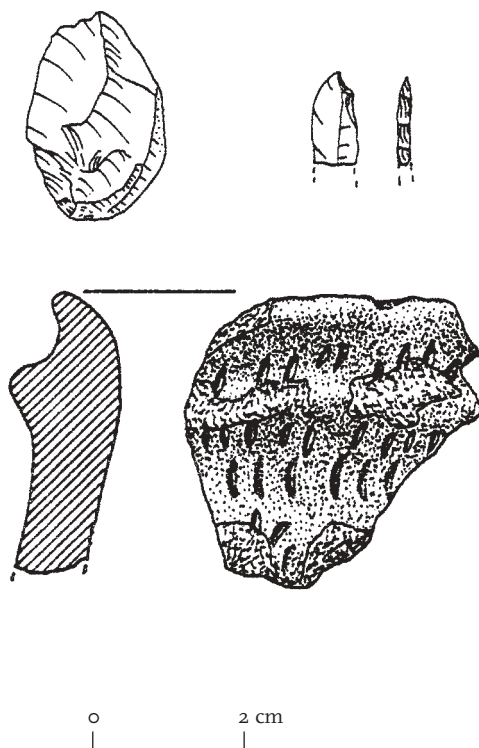


FIG. 6 – Artefactos líticos (n.^{os} 1 e 2) e cerâmica do nível inferior da lareira D19 de Vale Pincel I (Sector XXXIII).

As datações de Vale Pincel I correspondem a contextos arqueológicos fechados, que dão garantias de excepcional fiabilidade. Foram obtidas a partir de amostras de carvão vegetal provenientes de duas lareiras (Estruturas A20 e D19), que integravam a base da C.2, correspondente à ocupação neolítica. Abertas em fossa (0,50 m e 0,40 m de profundidade respectivamente), nas areias da C.3, arqueologicamente estéril, apresentavam planta ovalada, com o diâmetro máximo de 1,80 m e 1,50 m, respectivamente. Ambas revelaram duas fases de utilização. As fossas foram preenchidas por elementos pétreos que, no decurso de sucessivos episódios de combustão, se fracturaram em termoclastos de dimensões cada vez mais reduzidas, até à sua completa exaustão, após o que foram de imediato rejuvenescidas, através da construção de novo empedrado de combustão. Este selou todo o enchimento da primeira fase de funcionamento das lareiras, constituído por termoclastos, carvões e alguns artefactos. Pelo facto do segundo enchimento pétreo ter sido pouco utilizado, o mesmo comportou-se como uma carapaça que protegeu da erosão e lixiviação apreciável quantidade de madeira carbonizada (espécies exclusivamente arbustivas — *Arbutus unedo*, *Pistacia* sp. e *Rhamnus-Phillyrea* —, de acordo com análise antracológica de Ernestina Badal), analisada radiometricamente (Quadro II). Esse material carbonoso embalava as seguintes peças:

Estrutura A20

Lâmina estreita e espessa de sílex, de acondicionamento de núcleo, não retocada; duas lascas de sílex, irregulares, com retoque parcial, oblíquo e directo lamela de sílex (fragmento mesial), com retoque abrupto no bordo direito e vestígios de uso no bordo

oposto lamela de sílex de dorso arqueado e apontado crescente sobre lamela de sílex; fragmento de cerâmica pertencente a recipiente ovóide, em forma de saco, decorado por impressões em bastonete, realizadas por punção actuado obliquamente e por pequenos mamilos localizados imediatamente abaixo do bordo; fabrico muito grosseiro: pasta muito friável, com abundantes elementos não plásticos superiores a 1mm; cozedura em atmosfera oxidante. Superfícies com estalamentos pós-cozedura, em resultado de exposição directa ao fogo (Fig. 5).

Estrutura D19

Lasca de sílex, não retocada, com restos de córtex; lamela de sílex (fragmento distal) de bordo abatido; fragmento de cerâmica pertencente a vaso ovóide, em forma de saco, decorado por impressões realizadas a punção e por cordão plástico; fabrico muito grosseiro: pasta muito friável, com abundantes elementos não plásticos superiores a 1mm cozedura em atmosfera oxidante. Superfícies com estalamentos pós-cozedura, em resultado de exposição directa ao fogo (Fig. 6).

Assim, sabemos exactamente a que correspondem as duas datas de Vale Pincel I: à primeira fase de funcionamento de duas lareiras da base da C.2, cujo enchimento revelou uma associação artefactual característica da obtida para a restante camada arqueológica (C.2 base): indústria lítica sobre sílex, de base lamelar, de tradição mesolítica, com presença de lamelas de dorso e de geométricos, nomeadamente crescentes e cerâmica com decoração impressa, realizada predominantemente por punção, actuado obliquamente, muito raramente pela concha do *Cardium* e por elementos plásticos. No conjunto da produção oleira de Vale Pincel I parece dominar o fabrico identificado nas peças presentes no enchimento das lareiras A20 e D19, anteriormente designado por fabrico A (Tavares da Silva e Soares, 1981).

A precocidade da emergência do Neolítico antigo na Costa Sudoeste, primeiramente revelada em Vale Pincel I, tem vindo a ser observada em outros sítios como Padrão e Cabranosa, destruindo o modelo grosseiramente difusionista que, com pouca imaginação, alguns autores têm transferido, nas suas linhas gerais, da “teoria das colónias calcolíticas” para o Neolítico antigo. Em ambas as aplicações dos seus pressupostos teóricos, o “desembarque” teria ocorrido na Estremadura.

NOTAS

¹ Unidade de Arqueologia do Parque Natural do Sudoeste Alentejano e Costa Vicentina • Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal. Av. Luisa Todi, 162, 2900-451 Setúbal.

² Estudo antracológico da responsabilidade de Ernestina Badal, destinado à monografia do Castelejo, em preparação pelos autores.

BIBLIOGRAFIA

CHENORKIAN, R. (1989) - Mollusques testacés et diètes préhistoriques. Aix-en-Provence: Laboratoire d'Anthropologie et de Préhistoire des Pays de la Méditerranée Occidentale, p. 29-52.

KENT, S. (1989) - Cross-cultural perceptions of farmers as hunters and the value of meat. In KENT, S., ed. - *Farmers as hunters. The implications of sedentism*. Cambridge: Cambridge University Press, p. 1-17.

- MATEUS, J. E.; QUEIROZ, P.F. (1997) - Aspectos do desenvolvimento, da história e da evolução da vegetação do litoral norte alentejano durante o Holocénico. *Setúbal Arqueológica*. Setúbal. 11-12, p. 49-68.
- RAPOSO, L. (1997) - O Mirense e os machados mirenses. Algumas reflexões em voz alta. *Setúbal Arqueológica*. Setúbal. 11-12, p. 109-120.
- ROCHE, J. (1960) - L'industrie mésolithique du Cap Sines (Portugal). In *Actes du VI Congrès Internationale des Sociétés Anthropologiques et Ethnologiques*. Paris. 2:1, p. 459-563.
- SOARES, J. (1995) - Mesolítico-Neolítico na Costa Sudoeste: transformações e permanências. *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*. Porto. 35:2, p. 27-45.
- SOARES, J. (1996) - Padrões de povoamento e subsistência no Mesolítico da Costa Sudoeste portuguesa. *Zephyrus*. Salamanca. 49, p. 109-124.
- SOARES, J. (1997) - A transição para as formações sociais neolíticas na Costa Sudoeste portuguesa. In *O Neolítico atlântico e as orixes do Megalitismo*. Santiago de Compostela: Universidade, p. 587-608.
- SOARES, J.; TAVARES DA SILVA, C. (1993) - Na transição Plistocénico-Holocénico: Marisqueio na Pedra do Patacho. *Almadan*. Almada. 2ª série. 2, p.21-29.
- TAVARES DA SILVA, C.; SOARES, J. (1981) - *Pré-história da Área de Sines*. Lisboa: Gabinete da Área de Sines.
- TAVARES DA SILVA, C.; SOARES, J. (1997) - Economias costeiras na Pré-história do Sudoeste Português: o concheiro de Montes de Baixo. *Setúbal Arqueológica*. Setúbal. 11-12, p. 69-108.
- TAVARES DA SILVA, C. ; SOARES, J. ; PENALVA, C.(1985) - Para o estudo das comunidades neolíticas do Alentejo litoral: o concheiro do Medo Tojeiro. *Arqueologia*. Porto. 11, p.5-15.
- VIERRA, J. B. (1992) - *Subsistence, diversification and the evolution of microlithic technologies: a study of the Portuguese Mesolithic* (Ph. D. Dissertation). Albuquerque: University of New México.
- ZBYSZEWSKI, G.; FERREIRA, O. da V.; LEITÃO, M.; NORTH, C. T.; NORTON, J. (1981) - Nouvelles donnés sur le Néolithique ancien de la station à céramique cardiale de Sagres (Algarve). *Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal*. Lisboa. 67:2, p. 301-311.